

## O MEL É DOCE E AMARGO: APONTAMENTOS DISCURSIVOS SOBRE A LINGUAGEM E O MAIS-VALOR EM UMA ANIMAÇÃO

**Daniel Perico Graciano**

Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)

([danip.graciano@gmail.com](mailto:danip.graciano@gmail.com))

### Resumo

Este ensaio discute o problema da extração de mais-valor da competência linguística como característica da atual configuração econômica a partir da análise da animação *The Emoji Movie*, produzida pela Sony Pictures em 2017. Para isso, valemo-nos de conjunto interdisciplinar de pressupostos teórico-metodológicos epistemologicamente compatíveis.

**Palavras-chave:** Estudos discursivos; competência linguística; mais-valor.

### TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 1	1-12
----------------------------	-------------	-------	------	------

## Daniel Perico Graciano

Doutor em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos - UFSCar. É membro do grupo de pesquisa VOX - Grupo de Estudos em Análise do Discurso e História das Ideias Linguísticas, do grupo Labor - Laboratório de Estudos do Discurso e do Grupo de Pesquisa Interdisciplinar em Semiótica da Universidade Federal de São Carlos. Realizou estágios de docência no curso de Linguística, sob supervisão da professora Mariana Luz Pessoa de Barros e do professor Carlos Félix Piovezani Filho. Foi bolsista de Mestrado da CAPES com a pesquisa "Os Dentes Elétricos dos Canibais: uma cartografia dos fluxos semióticos na canção de resistência da década de 1960".



[lattes.cnpq.br/1342578592995153](http://lattes.cnpq.br/1342578592995153)



[orcid.org/0000-0002-5269-0213](http://orcid.org/0000-0002-5269-0213)

### TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 1	1-12
----------------------------	-------------	-------	------	------

## O MEL É DOCE E AMARGO: APONTAMENTOS DISCURSIVOS SOBRE A LINGUAGEM E O MAIS-VALOR EM UMA ANIMAÇÃO

**Daniel Perico Graciano**

Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)

([danip.graciano@gmail.com](mailto:danip.graciano@gmail.com))

### INTRODUÇÃO

Tudo é devir, dizia Heráclito, “o mel é doce e amargo” (HERÁCLITO *apud* CAVALCANTE, 2004, p. 50). Tudo que existe só existe a partir dos múltiplos opostos que o compõem. Sem agonia não há vida, a vida é resultado tão somente da luta. Logo, a paz, o estático e o imutável são características indissociáveis da morte e do nada. O próprio organismo é uma guerra travada entre uma infinidade de micro-organismos. A simbiose e os ciclos bioquímicos ocorrem na e pela diferença: existir é diferir. Na linguagem também é assim, os signos existem por serem diferentes uns dos outros.

Vi, recentemente, um filme, uma animação, que relaciona o devir heracliano à linguagem, pelo menos essa foi a relação que eu fiz, obviamente a Sony Pictures não se preocupa com a filosofia pré-socrática, nem com o problema da linguagem como resistência. *The Emoji Movie*, produzido em 2017, nos Estados Unidos, conta a história do emoji que, ao contrário daqueles que compartilhavam de sua condição, era capaz de apresentar diversas expressões. Do ponto de vista do poder vigente no interior do smartphone, ele não era capaz de cumprir sua função no interior do sistema operacional: mostrar sempre a mesma expressão, aquela que lhe corresponde. Trata-se de um significante revoltado. Um significante que não queria ser significante, porque não era uno, não podia ser uno. Era alegre e triste, sério e sorridente, calmo e eufórico, tudo de acordo com a situação.

#### TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 1	1-12
----------------------------	-------------	-------	------	------

## DESOBEDIÊNCIA

Ora, um emoji é um ideograma, veicula um significado a partir de uma materialidade pictórica, arbitrariamente convencionada no interior de uma comunidade de usuários. Se o significante é a face do signo que, associada a um significado, sendo de natureza pictórica, gráfica ou acústica, compõe o signo, ele é, por si só, uma negação da diferença e, por decorrência, da multiplicidade da multidão monista/pluralista que o enuncia. Para começar, o significante remete ao signo e tão somente ao signo infinitamente. O significante “mesa” não se associa ao significado evocado pelos traços semânticos “animal de tração que relincha”, o ideograma de “coração” dificilmente veiculará “ódio”. Os significantes estão presos, reclusos, no interior das convenções em que a comunidade os trancafia. O significante está morto. Se viver é devir e devir é lutar, não há conflito em aceitar ser sempre a mesma coisa, o mesmo significante que se associa sempre aos mesmos significados, em ter sua condição ontológica definida por sua função, por sua produtividade.

“Qual é a dele? ele tá fazendo a cara errada”, diz a emoji que sempre obedece e sorri. Fugir do aplicativo dos emojis com a princesa rebelde, que virou hacker e a mãozinha que perdeu a popularidade, não há um caminho certo no interior do sistema operacional, assim como não há uma cara errada. Fugir dos robôs antivírus, ser o vírus em fuga, “traçar a linha de fuga em toda a sua positividade, ultrapassar um limiar, atingir um continuum de intensidades que só valem por si mesmas, encontrar um mundo de intensidades puras, em que todas as formas se desfazem” (DELEUZE; GUATTARI, 2017, p. 27). Desfazer a continuidade da forma da expressão, destruir-se enquanto condição imutável. Mudar, fugir, desobedecer.

Gene “Eh”, o protagonista, deveria expressar sempre o pseudo-tédio hipster tão em voga na atual conjuntura, uma espécie de “não tô nem aí”, “não sinto nada em relação a isso”, expressão evidente de niilismo. Mas não o faz, não consegue fazê-lo. No interior da cadeia produtiva do smartphone, a linguagem é, como em Heidegger, “residência do Ser” (HEIDEGGER, 1995), o lugar onde as condições de sujeito e objeto passam a se evidenciar como insuficiência metafísica. A metamorfose do ser uno em ser múltiplo enquanto abertura, que liberta o ser da lógica e da gramática, liberta a própria linguagem,

sem dúvida, sob o domínio da “lógica” e da “metafísica”, só se pensam as palavras “possível” e “possibilidade” em oposição a “realidade”, isto é, a partir de determinada interpretação do Ser, qual seja, da interpretação metafísica do Ser, como actus e potentia. Essa interpretação se identifica com a distinção de existêntia e essentia. Quando falo da “força silenciosa do possível”, não me refiro ao possibile de um a possibilitas meramente representada nem a potentia como essentia de um actus de existêntia. Refiro-me ao Ser mesmo

### TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 1	1-12
----------------------------	-------------	-------	------	------

que, querendo, tem poder sobre o pensamento e assim sobre a Essência do homem, o que significa, sobre a referência do homem a o Ser. Poder algum a coisa significa: preservá-la em sua Essência, conservá-la em seu elemento. (HEIDEGGER, 1995, p. 30)

A palavra não pertence ao ser que age, o ser que obedece, ao contrário, pertence à linguagem. Gene deixa de pertencer à palavra “Eh” e passa a fazer com que essa, junto a uma miríade de outras, passe a pertencê-lo: o ser é, mas o “é”, enquanto predicação – Gene é eh –, é diferente do “é” que denota identidade – Gene é o protagonista do filme –, as duas condições não são idênticas. “Gene” é uma condição particular, “Eh” tem pretensões de universalidade, pelo menos é um significante que se transfere, adapta-se, molda-se a diferentes contextos, eis a contradição, alteridade e identidade, particular e universal, misturam-se onde não há possibilidade de mistura, onde só o conflito garante sua existência. Isto é, para Ser, “Gene” se difere de “Eh”. O significante “Eh” é niilista porque nega a diferença que ele mesmo veicula como uma das faces de um signo<sup>1</sup>. “Só a força ativa se afirma, ela afirma sua diferença, faz de sua diferença um objeto de gozo e de afirmação” (DELEUZE, 1976, p. 45). Mas, por outro lado, há o conjunto de significantes que compõem toda a miríade virtual na qual “eh” é um monismo pluralista. O protagonista não se encaixa nessa divisão, ele é ao mesmo tempo sujeito e objeto, em termos linguísticos, mão de obra e meio de produção, em termos econômicos, é uma miríade de expressões, múltiplo e não uno.

A força de trabalho linguístico do emoji, da qual o sistema operacional extrai mais-valia, é interrompida. A mais-valia linguística tem valor de dinheiro, não apenas no sentido de que a linguagem funciona como equivalente geral, mas como um modo de existência que substitui outro, cuja existência é, por si mesma, a realização de capital que assegura a captura de um trabalho futuro. Assim, o valor do signo e, por isso, o valor do emoji enquanto ser, é convertido em valor de uso, já que o valor de um signo não equivale ao valor de nenhum outro, não podendo resultar em nenhum novo. Dessa forma, não deve existir um valor semântico equivalente à troca, mas uma veiculação do valor de uso, do trabalho vivo, relacionada à produtividade do emoji. A função laboral do sujeito deve ocupar todo seu ser.

A condição de ser emoji é, no filme, uma condição hereditária, seus pais também são “Ehs”. Isso remete algo importante: a filiação. A linguagem é, de fato, uma tecnologia. No entanto, em nenhum ponto do passado houve um homem sem linguagem que sentisse a necessidade de criá-la. Assim, a linguagem não pode ser histórica, porque ela não foi criada pelo homem, a linguagem também não é natural, já que sem um homem que dela faça uso sua existência não se realiza. O mel não é nem doce nem amargo, é doce e amargo. Saussure

---

<sup>1</sup> Em Saussure o valor do signo consiste no fato de que o signo é o que os outros não são, i.e., a diferença.

**TEMÁTICA LIVRE**

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 1	1-12
----------------------------	-------------	-------	------	------

(2021) insiste no caráter arbitrário do signo linguístico, concordamos com o mestre, mas isso não significa que a linguagem seja um fato arbitrário, pois, se por um lado aprendemos a usá-la e só aprendemos e usamos em contato e em contrato com os outros, por outro lado carregamos conosco o gene FOXP2, que nos faz animais linguísticos (VARGHA-KHADEM *et al.*, 2005). Nossa linguagem é nosso diferencial: a aranha constrói teias com fibra proteica, o homem constrói teias de signos; o canino tem seu olfato, o homem tem o enunciado. Por isso, o posicionamento do emoji de estar dentro e contra o império do significante apresenta íntimas relações com o caráter nem social nem natural da linguagem, na medida em que ele herda sua condição: para nós, humanos, existe uma dimensão semiótica intrauterina, por meio da qual somos inseridos na linguagem antes do nascimento. A voz de minha mãe já era como um estranho órgão, invisível, imaterial ou um estranho fantasma que assombra as paredes – estranhos ecos do outro, do primeiro outro, daquele que é e não é outro. É assim que um indivíduo humano se diferencia, é assim que um corpo uno nasce da linguagem. A condição hereditária do emoji é outra, ele é, por transmissão genética, um meio de produção. Não é por acaso que seu primeiro nome é “Gene”. O emoji nasceu meio de produção e não mão de obra, ele é dotado de uma função produtiva hereditária e se torna uma monstruosidade quando a nega, pois ele nega a filiação hereditária, propondo uma espécie abstrata de polinização anal.

No entanto, o protagonista não é o herói metafísico, detentor da vontade geral, salvador da pátria; é antes um operário que não consegue desempenhar sua função, um meio de produção que muda suas formas de expressão (HJELMSLEV, 2019) na contramão daquilo que a produtividade demanda. O tema do herói metafísico que salvará o proletariado é bastante explorado na teoria operaísta, para Alquati, existe um movimento trabalhista populista do “Welfare State (e de origem cristã), um movimento trabalhista sindical, e uma combinação de ambos, cuja característica é considerar os trabalhadores como o ‘elemento débil’ da população e que, portanto, necessita de ajuda” (ALQUATI; NEGRI; SORMANO, 1978). Entre Stakhanov e Jesus a diferença é mínima – ambos são modelos de um futuro ideal, do dia vindouro em que os homens sairão da caverna e enxergarão a verdade fixa e imutável – puro platonismo.

A propósito da metafísica, a própria linguística enquanto ciência está, em sua história, impregnada de platonismo, assim como ocorre no marxismo vulgar que se faz presente em boa parte do pensamento eurocêntrico do século passado. O dualismo platônico entre o fenomênico, o mundo sensível e o numênico, o mundo cognoscível (phainómenon deriva de pháino, aquilo que aparece, que se faz visível; noumenon, remete a noéo, pensar) atravessa de Saussure a Chomsky, de Harris a Martinet. Ao longo da história do pensamento linguístico, desde a oposição medieval entre realismo e nominalismo, passando pela

**TEMÁTICA LIVRE**

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 1	1-12
----------------------------	-------------	-------	------	------

concepção tradicional de gramática até a tradição saussuriana, é evidente o reflexo platônico, em que a língua ideal prescrita pela gramática, tal como a língua virtual do genebrino, aproxima-se do suprassensível numênico, ao passo que a língua em uso se assemelha ao fenomênico (BAGNO, 2021).

Fenomênico	Numênico
Parole	Langue
Significante	Significado
Diacrônico	Sincrônico
Sintagma	Paradigma

Parmênides, grande influenciador de Platão e exato oposto de Heráclito, também apresenta seus ecos na obra de Saussure (2021). Quando Parmênides diz que só existe ser em oposição ao não-ser ou que o positivo só existe em relação ao negativo ( $A = \sim A$ ), é como se se encarnasse em Saussure (ou pelo menos em Bally e Sechehaye), quando diz que um signo é aquilo que o outro não é (SAUSSURE, 2021). A lógica dualista em questão não dá conta do problema de Gene, o emoji, porque ele não busca a negação daquilo que ele não é, ele afirma o que é. Isto é, seu problema não é não ser o que deveria ser, mas ser aquilo que é incluindo tudo aquilo que não é. “Eh” não é só um signo (fenomênico) que substitui uma realidade no plano numênico, como deveria ser, o sistema operacional entra em colapso quando se depara com a ruptura, Gene passa a produzir sua própria subjetividade. Seu posicionamento antimetafísico questiona a fronteira entre produção laboral e produção de subjetividades.

O próprio ser de Gene Eh é parte constitutiva de um capital que se apoia em uma dimensão pós-midiática, cuja produção se restringe às dimensões técnicas e tecnológicas. Se retornarmos ao conceito de chair<sup>2</sup>, a carne reversível de Merleau-Ponty, à neurofenomenologia de Varela e Maturana e ao pragmatismo de William James e John Dewey, veremos que todas essas correntes convergem na concepção de uma dimensão corporal encarnada materialmente, que se inscreve nos corpos, a partir da linguagem. Há, portanto, um si mesmo de caráter cognitivo que improvisa a construção de sua subjetividade a partir dos estímulos provocados pelos signos ao redor, como um jazz neuronal subjetivo, de maneira que a primeira fase da constituição do ser é a potência individuante, que coexiste com uma realidade pré-individual, é a habituação com tais signos, ao passo que a segunda fase é a oposição entre o indivíduo e o ambiente que o faz sujeito. Eis o fogo de Heráclito, a agonia, a

<sup>2</sup> “(...) a carne (chair), não é matéria, não é espírito, não é substância. Seria preciso, para designá-la, recorrer ao velho termo, „elemento” no sentido em que era empregado para se falar da água, do ar, da terra e do fogo. Isto é, no sentido de uma coisa mais geral, a meio caminho entre o indivíduo espaço-temporal e a ideia” (Merleau-Ponty, 2000, p. 136).

**TEMÁTICA LIVRE**

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 1	1-12
----------------------------	-------------	-------	------	------

luta – a separação, a desterritorialização do automatismo imposto pelo processo de produção de capital que tende a se confundir com a vida e o ser.

Os sentidos experimentados por Gene Eh são pré-individuais, estão aquém da vida pessoal, de sua função no interior do sistema operacional do celular. Não é seu “eu”, pronome pessoal que marca a subjetividade, que sente pavor de cumprir sua função, que não tem controle sobre a expressão que apresenta, apesar de que, é seu “eu”, enquanto singularidade intrapsíquica e subjetiva que tem desejo de romper com a produtividade automática que o sistema tenta forçá-lo a efetuar. Dessa forma, sua expressão é, ao mesmo tempo intrapsíquica (biológica), social e cultural. Se o pré-individual é a língua de pertencimento da comunidade em que Gene Eh se insere, ele rompe com a intersubjetividade linguística composta antes da sujeição dos indivíduos na e pela linguagem<sup>3</sup>. Ao invés de atualizar a virtualidade intersubjetiva, o emoji realiza uma potencialidade subjetiva.

No entanto, olhando por outro ponto de vista, sabemos que não há discurso totalmente individual, o que existe é um processo de individuação do enunciado e subjetivação da enunciação. De Volóchinov (2017) a Deleuze e Guattari (2012), o pensamento linguístico declara: todo enunciado é um discurso indireto. A individualização é mero ponto de vista. O sujeito individuado é engendrado por um conjunto de práticas, ele emerge no campo do saber. Em *Vigiar e Punir*, Foucault (2014) explica que a partir da estabilização das fábricas, além da evidente necessidade de forças coletivas de trabalho para a produção, havia a demanda de sujeitos com habilidades específicas para operar as máquinas. Assim, a anamnese individual se une às práticas disciplinares aplicadas ao corpo operário, de forma que há um “agenciamento coletivo de enunciação que permite utilizar, no interior da linguagem, os elementos necessários para pensar os indivíduos que passam imediatamente a integrar um campo de saber” (LOBO, 2004, p. 200). A noção de indivíduo atribuída a Gene Eh se transforma em objeto de saber devido a sua ancoragem à instituição do sistema operacional, em decorrência de uma prática disciplinar.

Sendo assim, o enunciado do operário, tal como as estranhas expressões faciais do emoji desobediente, é sempre o dito de outro, um discurso indireto, quando, por exemplo, Gene Eh faz cara de susto ao invés de fazer “Eh”, a expressão foi socialmente adquirida, as escolhas enunciativas que usamos para instaurar a categoria de pessoa no discurso nos mostram isso: se João me fala o nome de Maria eu não vou abrir aspas e embrear <sup>4a</sup>

<sup>3</sup> “Sendo de todos e de ninguém, também lhe concerne o anônimo prefixo “se”: “se fala”” (Virno, 2004, p. 196).

<sup>4</sup> Usar um pronome em lugar de outro para gerar determinados efeitos de sentido, por exemplo: ao invés de dizer “eu”, digo “a pessoa que vos fala” para causar um efeito de sentido de objetividade ou de impessoalidade no enunciado.

**TEMÁTICA LIVRE**

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 1	1-12
----------------------------	-------------	-------	------	------



enunciação sempre que me referir a ela, como quem faz uma citação do dito de João. Um enunciado não tem uma origem, é impossível determinar seu ponto de partida ou de chegada, quem foi o primeiro a usar a expressão “ponto de chegada”? Quem será o último? Todo enunciado caracteriza um discurso indireto livre, já que não há como delimitar quem é o sujeito da enunciação e quem é o sujeito do enunciado, ambos se misturam na profusão polifônica do agenciamento da enunciação. O enunciado “não é em si mesmo uma unidade, mas uma função que cruza um domínio de estruturas e de unidades possíveis e que faz com que apareçam, com conteúdos concretos, no tempo e no espaço” (FOUCAULT, 2008, p. 98). Não cabe a nós procurarmos a origem das vozes, mas distinguir as discontinuidades do histórico dessas vozes ao caminhar sobre as linhas do dispositivo traçando os mapas de suas intensidades (aliás, as origens desse tipo de problema costumam se situar, paradoxalmente, no futuro e não no passado, já que a sujeição ao trabalho se dá, sobretudo, pelo medo). O pronome “eu” é um fixador de poder em qualquer situação, já que efetua cortes dos fluxos que tendem a cristalizar e centralizar as identidades das ações cuja origem não parte dos corpos de sujeitos individuados, mas sempre de uma multiplicidade de vozes. Sendo assim, a construção de uma subjetividade (sujeito da enunciação, sujeito do enunciado etc.) não pode ser dada pela língua, mas por uma prática social que está implícita no discurso.

É na aceitação das múltiplas formas de expressão que circulam em sua comunidade, que Gene Eh se constitui. Desloca-se uma práxis pública da linguagem referente a um órgão biológico. O emoji se abre para uma prática coletiva de expressão, enfrentando aquilo que Winnicott chama de fenômeno transicional, um “processo de tornar-se capaz de aceitar diferença e semelhança” (1982, p. 406). A transição é entre a linguagem exterior e a interior ao ambiente materno, transformando a primeira em parte não individuada de seu próprio ambiente, de maneira que, a partir do agenciamento coletivo da enunciação, passa-se a ser um ambiente ao invés de ter um ambiente. Dessa forma, a diferença que constitui o repertório expressivo de Gene Eh é pessoal, mas não interior. Se a subjetividade se realiza na e pela linguagem, a subjetividade do emoji é híbrida.

Gene Eh resiste.

Recebido em: 06/01/2024  
Aceito em: 01/05/2024  
Publicado em: 30/09/2024

**TEMÁTICA LIVRE**

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 1	1-12
----------------------------	-------------	-------	------	------

## REFERÊNCIAS

- ALQUATI, R.; NEGRI, N.; SORMANO, A. **Università di ceto medio e proletariato intellettuale**. Torino: Stampatori, 1978.
- BAGNO, M. **Gramatica Pedagógica do Português Brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2021.
- CAVALCANTE, J. S. (org.). **Os pré-socráticos**. Rio de Janeiro: Abril Cultural, 2004.
- DELEUZE, G. **Nietzsche e a filosofia**. Rio de Janeiro: Editora Rio, 1976.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Kafka: por uma literatura menor**. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia**. Volume 2. São Paulo: Editora 34, 2012.
- FOUCAULT, M. **Arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir: Nascimento da Prisão**. Petrópolis: Vozes, 2014.
- HEIDEGGER, M. **Carta sobre o humanismo**. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 1995.
- HJELMSLEV, L. **Prolegômenos a uma teoria da linguagem**. São Paulo: Perspectiva, 2019.
- LOBO, L. F. Pragmática e subjetivação por uma ética impiedosa do acontecimento. *In: Psicologia em Estudo*, agosto de 2004.
- MERLEAU-PONTY, M. **O visível e o invisível**. São Paulo: Perspectiva, 2000.
- SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Parábola, 2021.
- VARGHA-KHADEM, F; GADIAN, D. G.; COPP, A; MISHKIN, M. FOXP2 and the neuroanatomy of speech and language. **Nature Reviews Neuroscience**. 2005, 6: 131-137.
- VIRNO, P. **Cuando el verbo se hace carne**. Lenguaje y Naturaleza humana. Buenos Aires: Tinta Limón, 2004.
- VOLÓCHINOV, V. **Marxismo e Filosofia da Linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. São Paulo: Editora 34, 2017.
- WINNICOTT, D. **Textos selecionados da pediatria à psicanálise**. Rio de Janeiro: Editora Francisco Alves, 1982.

### TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 1	1-12
----------------------------	-------------	-------	------	------

## HONEY IS SWEET AND BITTER: DISCURSIVE NOTES ON LANGUAGE AND SURPLUS VALUE IN AN ANIMATION

**Daniel Perico Graciano**

Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)

([danip.graciano@gmail.com](mailto:danip.graciano@gmail.com))

### ABSTRACT

This essay discusses the problem of extracting surplus value from linguistic competence as a characteristic of the current economic configuration based on the analysis of the animation *The Emoji Movie*, produced by Sony Pictures in 2017. To achieve this, we use an interdisciplinary set of epistemologically methodological theoretical assumptions compatible.

**Keywords:** Discursive studies; Linguistic competence; Added value.

### TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 1	1-12
----------------------------	-------------	-------	------	------

## LA MIEL ES DULCE Y AMARGA: APUNTES DISCURSIVOS SOBRE EL LENGUAJE Y LA PLUSVALÍA EN UNA ANIMACIÓN

**Daniel Perico Graciano**

Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)

([danip.graciano@gmail.com](mailto:danip.graciano@gmail.com))

### RESUMEN

Este ensayo analiza el problema de la extracción de plusvalía de la competencia lingüística como característica de la configuración económica actual a partir del análisis de la película *The Emoji Movie*, producida por Sony Pictures en 2017. Para eso, utilizamos un conjunto interdisciplinario de análisis epistemológicos y metodológicos, con supuestos teóricos compatibles.

**Palabras-clave:** Estudios discursivos; Competencia lingüística; Plusvalía.

### TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 1	1-12
----------------------------	-------------	-------	------	------